

## **Painel 08 - Análise da Produção e circulação dos discursos da mídia**

**Mediadora: Prof. Dra. Roseli Fígaro, Licenciatura em Educomunicação**

### **FUNK E HEDONISMO<sup>46</sup>**

**André Drumond Ortega Filho  
Jade Lelo de Campos Zendron**

Em Abril do ano de 2013, a mídia noticiou uma das dissertações de mestrado da pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense – UFF, voltada ao tema do feminismo. O trabalho causou polêmica devido à hipóteses relacionadas ao “funk como o último grito do feminismo”, o que nos levou ao debate de certas ideias como a possibilidade do funk conter conteúdo ideológico de emancipação. Por outro lado, notamos também a existência de estudos e publicações, científicos ou não, sobre a presença do machismo no funk. É nesse contexto que este artigo sobre as relações entre funk e hedonismo foi escrito, fugindo da famigerada temática de gênero e se aprofundando nos vestígios, acerca dos prazeres fugazes deixados na prática discursiva do funk. Essa prática discursiva, dentro do contexto de padronização da indústria cultural, cria um modelo de consumo e reprodução ideológica.

A pesquisa se conduziu da seguinte maneira:

- Reflexões teóricas e metodológicas acerca do tratamento e níveis da linguagem.
- Contextualização cultural e histórica.
- Análise das letras de música.
- Pesquisa de campo, por meio de questionário dirigido a 50 moradores da cidade de São Paulo, maiores de 18 anos e falantes da língua portuguesa, dos níveis socioeconômicos A, B, C, D e E.

---

<sup>46</sup> Artigo resultado de pesquisa realizada na disciplina Linguagem Verbal para os meios de comunicação I, na Licenciatura em Educomunicação, CCA-ECA-USP, com orientação da Profa. Dra. Roseli Figaro, e apresentado no V Encontro Brasileiro de Educomunicação, em setembro de 2013. Participaram da pesquisa 10 alunos da disciplina acima mencionada.

Quando falamos de linguagem, naturalmente tratamos de uma realidade extremamente dinâmica onde um conjunto de signos e símbolos transitam em diversos campos da significação. No entanto, nos atemos à posição de que, nesse caso, o hedonismo permanece e precede outros significados, levando em consideração não só as palavras em si, mas a suposição das intenções do autor, bem como o próprio processo de disseminação do símbolo. Dessa maneira, como disse um senhor idoso presente entre nossos entrevistados, ao se referir à visão de mundo das pessoas, “o mundo velho acabou, agora existe um mundo novo”. Isso demonstra uma percepção nas mudanças paradigmáticas que ocorreram com o passar do tempo. Situamos o funk dentro do chamado complexo de valores pós-modernos e das novas realidades neoliberais, onde uma espécie de hedonismo fugaz e fatalista ganha força nas diversas representações culturais da realidade. Assim encontramos mais um elo analítico capaz de ligar diferentes expressões, o elo temporal (o *zeitgeist*). Esse elo temporal é a pós-modernidade.

### **Funk e Pós-Modernidade**

A pós-modernidade é o nome usado geralmente para se referir a uma condição cultural e civilizacional que sucede a modernidade. Essa “sucessão” ocorre no que seria uma observação da superação da “modernidade faustiana”, que é pautada em valores fundamentados na ideia progresso, nas ideias do iluminismo e em grandes narrativas ou ideologias que têm a história/progresso como objeto. A pós-modernidade consiste numa ruptura com esses valores em prol da “liquidez”, da “pluralidade”, do “impulso”, o fim das grandes narrativas e o triunfo das “narrativas individuais”. Tal mudança de eixo nos valores pode ser relacionada com a queda da União Soviética (a ausência de um inimigo unificador capaz de conferir sentido e identidade, assim como o “fim” de uma das principais grandes narrativas do século XX) e as alterações internas no modo de produção capitalista, que assim como os valores se tornou mais “líquido”, com uma ênfase ainda maior na importância do capital financeiro no processo de reprodução do capital. Alguns autores, como o professor Alexander Dugin (2012), presidente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estatal de Moscou, consideram o processo uma culminação natural dos valores liberais (uma posição tal qual a de Nietzsche no século XIX, que considerava o liberalismo uma manifestação do niilismo). De qualquer forma, tomamos aqui o termo “pós-modernidade” justamente por esse conjunto de valores

identificados como “pós-modernos”, tomando a pós-modernidade como uma construção ideológica e uma “grande narrativa”.

### **Funk e Hedonismo**

Hedonismo é o nome de um conjunto de escolas filosóficas que acredita que o prazer é o único bem intrínseco. No entanto, a palavra também se refere à noção mais geral de valorização do usufruto do prazer imediato, a ideia do prazer como finalidade da vida. Essa noção vai ganhar força com o advento da pós-modernidade. A desilusão com as “grandes narrativas” e o niilismo decorrente da queda dos valores culmina numa forma de hedonismo fugaz e individualista. Andrew Milner (1994) vai caracterizar a condição pós-moderna com o que ele chama de “hedonismo apocalíptico”. Assim, o prazer imediato é buscado incessantemente e por ser rápido precisa ser repetitivo. É nesse contexto cultural que o funk deve ser pensado. O ambiente é sempre a festa, a “balada”, a vontade desesperada de atender uma necessidade de prazer imediato. Nesse processo temos, então, o ato sexual com o mesmo valor de um “shot” de bebida. Isso vem acompanhado com uma grande ênfase no consumismo, no ato de consumir e ostentar.

Para entender melhor essas questões, foram analisadas nove letras de músicas de três diferentes autores, todas relacionadas ao tema funk e hedonismo:

- Catra: “Mama eu”, “Uh papai chegou” e “Ela dá pra nós”.
- Mc Mayara: “Ai como eu tô bandida”, “Quem tá solteiro vive menos” e “Quero você”. e
- Valesca Popozuda: “Tô com o cu pegando fogo”, “My pussy é o poder” e “Agora sou piranha”.

Nas músicas do Catra é possível observar o caráter hedonístico na demasiada apologia ao sexo de uma noite, a perseguição do orgasmo. O cantor também menciona em suas músicas a necessidade de aproveitar a efemeridade da vida (como no trecho de “Uh Papai Chegou”: “Curtir a vida tão intensamente, não vejo maldade, é só curtidão”). Catra também nos traz o tema ostentação, que se relaciona com a busca do prazer efêmero (ele compra um “carrão” e é prazeroso, mas é efêmero porque em alguns meses haverá o lançamento de outro modelo do carro a ser comprado).

Enquanto Catra busca expressar a dominação do homem (a palavra “papai” na música não assume o sentido patriarcal, e sim o de provedor das necessidades

da mulher), Valesca procura mostrar o “poder feminino”. Em músicas como “My pussy é o poder”, ao mesmo tempo em que reduz a mulher ao seu órgão sexual (*pussy* é gíria para vagina, em inglês), utiliza-o para a dominação do homem, afirmando que o corpo feminino é objeto de desejo dos homens e pode ser usado para manipulá-los.

O hedonismo está no enaltecimento do ato sexual pelo prazer e não pelo afeto; só o título da música “Tô com o cu pegando fogo” já diz tudo: ela precisa ter relações sexuais imediatamente para ficar satisfeita e “apagar o fogo” (seguindo, assim, na linha do hedonismo fugaz).

Mc Mayara vai por outro caminho (até por ser mais nova), usando sua inocência como objeto de sedução. Em sua música “Quem tá solteiro vive menos”, Mayara afirma que “não se amarra”, ou seja, não se apega a uma relação estável, vivendo do momento, do que tem aqui e agora. Em suas músicas, o hedonismo é abordado de forma mais sutil e inocente, falando do “copinho de bebida”, que traz prazer imediato e efêmero. Em “Quero você”, a cantora diz que “Uma noite na balada, só vai dar eu e você”, exemplificando perfeitamente seu caráter hedonista, já que o prazer intenso (“só vai dar eu e você”) será alcançado com apenas “uma noite na balada”.

Nas entrevistas, notamos que a população vê o funk de diferentes maneiras, de acordo com o contexto de circulação da música: o que ouve o gênero musical esporadicamente na balada tem opinião totalmente diferente do que convive com ele, seja na própria casa ou graças ao som alto do vizinho. O funk é extremamente polêmico, uma vez que uma mesma letra pode ser considerada feminista ou machista (como quando Valesca diz em sua música “Agora Sou Piranha” que “Sou cachorroneira mesmo e late que eu vou passar/ Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar”, que pode ser vista como um enaltecimento à liberdade sexual da mulher, ou sua redução a um mero objeto cuja função é dar prazer ao homem), mas houve consenso entre os entrevistados quanto ao caráter hedonista do gênero.

Quando se trata de funk, há um ponto em comum entre todas as pessoas, independente do seu padrão de consumo socioeconômico: a pregação da promiscuidade e da inconstância. Entre os entrevistados de nível D e E, a ostentação é relacionada à inconstância juvenil. Eles falam sobre como os jovens ouvem funk, compram “carrões” e sofrem acidentes, morrem ou matam inocentes. Já entre os entrevistados dos níveis A e B, o que mais pareceu incomodar foi a

promiscuidade, dizendo que o funk incentiva as mulheres e os homens a usarem roupas curtas e apertadas para se exibirem e conseguirem relações sexuais de uma noite, obtendo um prazer momentâneo e vazio, que no fim do dia não significa nada.

O funk também foi associado por grande parte dos entrevistados ao uso de drogas. Aí está a “cereja do bolo” do hedonismo: a necessidade de utilização de substâncias psicotrópicas para aumentar o prazer de uma única noite. Quando passa o efeito da droga, acaba a noite, a festa, a diversão, o orgasmo. Tudo isso mostra como o funk, seja ele qual for, é para os jovens uma espécie de hino com o fim de enaltecer a obtenção de prazer.

### **Referências:**

LYOTARD, Jean-Francois. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

DUGIN, Alexander. **A Quarta Teoria Política**. Curitiba: Austral, 2012.

MILNER, Andrew. **On the beach**: apocalyptic hedonism and the origins of postmodernism. In Ian Craven (ed). Cambridge: Cambridge University Press, 1994

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Cahar Editor, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1979

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala** (um estudo sociolinguístico do diálogo na Literatura Brasileira). 8ed. São Paulo: Edusp, 1997. p.11-71.